

A Importância dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Geração de Gentileza.

Oswaldo Faustino

“A Gentileza é produtora e produto das afetividades, assim como o Afeto e a Amorosidade são a essência do que há de mais profundo nas Africanidades.” (O.F.)

Quando ouvimos ou lemos a palavra GENTILEZA, geralmente, imaginamos uma série de expressões, gestos, olhares, sorrisos e trejeitos cuidadosos que ajudam a “azeitar” as relações humanas e que contribuem para evitar atritos, ruídos, rasuras e conflitos nessas interações. Tudo isso é real, mas talvez seja, apenas, a mão de verniz que dá acabamento a esta soma de convenções que resultam numa verdadeira obra de arte construída pela humanidade, ao longo dos séculos, cujas matérias-primas principais são o afeto, gerador da amorosidade, e o respeito, quer interpessoal, quer coletivo e comunitário.

Estes dois fatores – afeto e respeito, seja na interpessoalidade, seja no convívio coletivo –, por sua vez, constituem os alicerces civilizatórios da maioria dos povos do planeta. Independente disso, porém, historicamente, esses alicerces foram e são olvidados e também relegados à condição de desnecessários, em função quer de despolimento pessoal, quer de interesses supremacistas, colonialistas, neocolonialistas, sectaristas, discriminatórios e opressivos, cujas pautas priorizam objetivos conflitantes com tais valores.

Por outro lado, os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros sistematizados pela doutora em Comunicação e Cultura, pela UFRJ, e Mestre em Educação, pela FGV/RJ Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015), conhecida ativista da luta antirracista, alimentam sempre e mais a amorosidade e o espírito afetivo, necessários à sensibilização, introjeção e conscientização dos princípios da Gentileza, na sua forma mais profunda. Tais princípios podem e devem proporcionar conteúdos para uma prática humanista cotidiana, coletiva e passível de aprendizagem, o que possibilita dar-lhe um caráter científico, gerador de reflexões transversais e interdisciplinares.

Antes de enumerarmos os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros apontados pela Dra. Azoilda Trindade, é importante conhecermos alguns aspectos da vida e da atuação profissional dessa

intelectual, que desenvolveu diversas atividades no campo educacional – tanto em sala de aula, quanto como gestora e supervisora de ensino da Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro –, além de realizar diversas pesquisas significativas a respeito das Africanidades, sobre as quais produziu farto material publicado.

A afetividade, termo cada vez mais em uso nas análises das relações humanas, associado a amorosidade, também norteou grande parte do trabalho do histórico pensador e educador Paulo Freire. Ela traz em si os conteúdos necessários para a compreensão de um sentido amplo e fundamentado que pode ajudar a enquadrar a Gentileza nas ciências humanas, “disciplinas cujo objetivo é o estudo do homem e seus comportamentos, individuais e coletivos, passados e presentes”. Para tanto, deve apresentar um “conjunto organizado de conhecimentos sistematizados relativos a determinada área do saber, caracterizado por metodologia específica, adquiridos através da observação, da identificação, da pesquisa e da explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, e formulados metódica e racionalmente”¹

Paralelamente a seus estudos acadêmicos e atividades educacionais, Trindade exerceu o papel de consultora pedagógica do programa *A Cor da Cultura*, projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, resultante de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobrás, a Fundação Cultural Palmares, a TV Globo, a antiga Seppir – Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, o MEC, através da extinta SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, e a ONG Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, criada e dirigida pela atriz Zezé Motta.

AFINAL, QUE VALORES SÃO ESSES?

Destacamos, a seguir, os 10 (dez) Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros – **Circularidade; Memória; Religiosidade; Corporeidade; Musicalidade; Ancestralidade; Cooperativismo/Comunitarismo; Oralidade; Energia vital; Ludicidade** – expostos de maneira aleatória, sem priorização de nenhum deles, através do texto elaborado pelo projeto *A Cor da Cultura*, seguido, cada um deles, de uma reflexão a respeito:

¹ Ambas definições extraídas do Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa, Editora Nova Cultural 1999. pg. 228.

ENERGIA VITAL e RELIGIOSIDADE

“O princípio do Axé é a vontade de viver e aprender com vigor, alegria e brilho no olho, acreditando na força do presente. Em nada se assemelha a normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis. Pelo contrário, tudo é uma possibilidade para quem é guiado pelo Axé².”

“Para a nação afrodescendente, religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo. A propósito, em tempos de tanta violência gratuita, vale pontuar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro.”

REFLETINDO: Ao contrário da concepção da existência de seres animados e inanimados, esse valor civilizatório nos dá conta de que em tudo existe energia vital, também chamada de Axé: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, sonhos, tudo enfim. A vida e a natureza estão em permanente transformação. A partir desse entendimento, desaparece a segregação entre o SAGRADO e o PROFANO, que vivem em constante interação. Para quem tem dificuldade na compreensão desta afirmação, recomenda-se refletir que esse pensamento não difere em nada da afirmação do cientista francês Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794): “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, aceita como verdade há mais de dois séculos.

Essa energia vital é a essência da religiosidade afro-brasileira, não só das mais diversas religiões de matriz africana, que existem no Brasil, e algumas com fortes influências indígenas, mas também a maneira com que as irmandades religiosas católicas afro-brasileiras se organizam e realizam seus atos de devoção. Assim, se realizam as missas inculturadas, também chamadas missas-afros, e outros atos litúrgicos ou meramente devocionais realizados por pastorais afros, congados (em seus momentos de candombes³), tambores de mina, moçambiques, maracatus e blocos afros, entre outros. Em todos e em cada um, fazem-se presentes os fatores geradores de **Gentileza**.

² Os textos, em itálico e em negrito, que se seguem após os intertítulos dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, são extraídos do projeto A COR DA CULTURA - <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto> .

³ Candombe é religiosidade de origem africana, encontrada no Uruguai e em outros países Latino-americanos, desde o século XVIII. Também denomina um tipo de reunião secreta, com música, dança e orações, ocorre nos Congados mineiros.

CIRCULARIDADE

“Essa energia vital é a essência da religiosidade afro-brasileira, não só das mais diversas religiões de matriz africana, que existem no Brasil, e algumas com fortes influências indígenas, mas também a maneira com que as irmandades religiosas católicas afro-brasileiras se organizam e realizam seus atos de devoção. Assim, se realizam as missas inculturadas, também chamadas missas-afros, e outros atos litúrgicos ou meramente devocionais realizados por pastorais afros, congados (em seus momentos de candombes), tambores de mina, moçambiques, maracatus e blocos afros, entre outros. Em todos e em cada um, fazem-se presentes os fatores geradores de Gentileza”.

REFLETINDO: A circularidade é a reprodução, no microcosmo, que mais se aproxima da constituição macrocômica do Universo. E o que é o círculo, afinal, se não a forma geométrica mais próxima da perfeição? Todos os pontos da circunferência estão equidistantes do ponto central e têm igual importância na formação do todo. Sem qualquer dos pontos a circunferência não fecha, não se completa. É o mais pleno sentido da equidade e que possibilita o entendimento que valoriza o outro a partir de minha própria valorização. Ou vice-versa, se pensarmos na filosofia africana do Ubuntu: “Eu sou, porque nós somos”.

A roda desfaz o rígido sentido da hierarquização comum às sociedades estratificadas, piramidais, em que determinadas posições detêm poder, voz, direito a reverência e outros privilégios, enquanto aos demais efetiva-se uma maior ou menor inferiorização. No círculo, todos os pontos se equivalem, assim como se equivalem todas as pessoas, numa sociedade pautada pela Gentileza.

ANCESTRALIDADE e MEMÓRIA

“Quando se pensa em ancestralidade, faz-se uma imediata ponte com a história e a memória. Convém não esquecer o passado. Não há fórmulas complexas para vivenciar o que é, de fato, a ancestralidade. Quer provar? Então saia em busca do relato dos mais velhos, que trazem o rico imaginário afro-brasileiro.”

REFLETINDO: “Trago dentro de mim toda a minha ancestralidade e a minha descendência”, afirmam os Dogon, do império pré-colonial africano do Mali, na África Ocidental, área hoje dividida pelo próprio Mali, Gâmbia, Guiné, Serra Leoa, Senegal e o sul do Saara Ocidental. Os Dogon ainda hoje habitam em grande concentração nos atuais Mali e Burkina Fasso.

Esse pensamento traz a compreensão de que somos apenas um instante na história de nosso povo, contendo a presença existencial tanto de sua ascendência quanto de sua descendência. Esse entendimento gera a necessidade de se compreender a igual importância da raiz, que sustenta essa árvore – mesmo estando oculta – quanto dos frutos que nela nascem e das sementes, na maioria das vezes, igualmente ocultas. Não por acaso, nas religiões de matriz africana, como as religiosidades brasileiras candomblé, umbanda, vodum e tambor de Mina, no Maranhão, Xangô de Pernambuco, também chamado Nagô Egbá, entre tantas outras, costuma-se pedir bênção tanto aos mais velhos quanto aos mais novos. Isto porque o Sagrado é transmitido de geração a geração e deve ser reverenciado ad aeternum com o tratamento respeitoso e, obviamente, gentil.

ORALIDADE

“Herança direta da cultura africana, a expressão oral é uma força comunicativa a ser potencializada. Jamais como negação da escrita, mas como afirmação de independência. A oralidade está associada ao corpo porque é através da voz, da memória e da música, por exemplo, que nos comunicamos e nos identificamos com o próximo.”

REFLETINDO: A comunicação olho no olho extrapola as palavras e seus sentidos. Um dos conceitos da comunicação social aponta para ser maior a importância do que o receptor apreende, compreende e digere de uma mensagem, do que aquilo que é transmitido pelo emissor. Por essa razão, não raras vezes, é preferível ouvir uma história a lê-la. Falar também produz maiores resultados receptivos do que escrever. A expressão oral quebra a frieza dos olhos percorrendo uma página ou tela de um monitor.

Nossa expressão oral é carregada de sentido, de marcas de nossa existência. Obviamente isto não dispensa o registro escrito, seu caráter de documentação e sua eternização. Mas é basicamente na comunicação oral que a Gentileza tem maiores oportunidades de se manifestar, quer na escolha dos termos utilizados, quer na forma com que eles são transmitidos.

COOPERATIVISMO/COMUNITARISMO

“Falar sobre cultura negra requer usar a palavra ‘coletivo’. Pensar em africanidades é pensar em comunidade, em diversidade, em grupo. Imaginem o que teria acontecido com a população negra num sistema escravocrata se houvessem desprezado o princípio da parceria, do diálogo, da cooperação? E ainda nos dias que correm, nesta sociedade racista excludente?”

REFLETINDO: A cultura afro-brasileira é uma cultura do plural, sempre pensada a partir do coletivo, da cooperação. O individualismo, muito presente nas relações opressivas e exploratórias, não sobrevive ante a compreensão real de que o bem comum é o grande patrimônio cultural. Novamente nos pautamos na filosofia do Ubuntu. Não sobreviveríamos se não fôssemos capazes e não tivéssemos o costume da cooperação, de nos ocuparmos do outro. Esse comportamento bastante comum entre comunidades negras e indígenas constitui uma das bases dos valores civilizatórios afro-brasileiros e, com certeza, serve como motivação para que se desenvolva o espírito da Gentileza.

MUSICALIDADE

“Famosa no mundo inteiro pela sua qualidade incontestada, a música brasileira tem os dois pés bem fincados no Continente Negro. Quem resiste aos encantos de uma batucada? A musicalidade, a dimensão do corpo que dança e vibra em resposta aos sons só reafirma a consciência de que o corpo humano também é melódico e potencializa a musicalidade como um valor.”

REFLETINDO: Nossas histórias pessoais e coletivas, nossas esperanças e decepções, nossos amores e desamores, nosso viver, enfim, são constantemente expressos pela música – letra e melodia –, um dos mais emblemáticos aspectos da forma de ser, viver e pensar de cada povo, como tal, também das comunidades afro-brasileiras. O ritmo é a pulsação vital dessas comunidades cujos corpos gíngam não só na dança, mas também no caminhar, no interagir, no seu modo de existir. Não por acaso, o educador, escritor, capoeirista e doutorando em Educação Allan da Rosa⁴ cunhou o curioso termo “pedagoginga”, com base em suas experiências em educação popular nas periferias de São Paulo, “focados na vivência negra de ontem, de hoje e a do futuro”, como ele explica. É importante saber que o batuque é pai da musicalidade do samba e de outros ritmos musicais brasileiros, influenciados ou não por outros cantares, nascidos no Brasil ou vindos do exterior. Essa musicalidade, não se pode negar, ajuda a desenvolver e apurar a sensibilidade, uma das principais raízes da verdadeira Gentileza.

⁴ Licenciado em História/USP e Mestre em Cultura e Educação/USP. Atuação em formação de professores e educação de jovens e adultos, com ênfase em cultura afro-brasileira, movimentos políticos e culturais periféricos e diásporas africanas pela América Latina. Escritor, pedagogo e editor, autor de vários livros, entre eles, Pedagoginga Autonomia e Mocambagem – Ed. Pólen - São Paulo – 2013.

CORPOREIDADE

“Este conceito nos ensina a respeitar cada milímetro do corpo humano, que deve estar presente em cada ação e em diálogo com outros corpos. As demandas corporais devem ser consideradas. Afinal, o corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneiras, seja através da dança, da brincadeira, do desenho, da escrita, da fala. Das músicas às danças, com tudo o que elas anunciam e denunciam. Os corpos dançantes revelam memórias coletivas.”

REFLETINDO: A mortalidade e a fragilidade do corpo humano, muitas vezes, fazem-nos subvalorizá-lo, ante o que se acredita ser a eternidade da alma, que também se confunde com o chamado espírito, sobre os quais não iremos discorrer, para não nos estendermos em tratos filosóficos, religiosos e teológicos. Muito impostas, mas não fundamentais para alicerçarmos o que se refere à Gentileza. O corpo em si é muito importante, na medida em que vivemos com ele, existimos, somos no mundo, com ele.

Por meio dos nossos corpos e daqueles com os quais interagimos, podemos construir e produzir saberes e conhecimentos coletivos e compartilhados, muitos dos quais transformadores, quer fisicamente, quer ampliando todas as possibilidades deles. Há que nos tornemos íntimos de nossos corpos para, só então, conquistarmos as condições necessárias para nos relacionarmos com a intimidade alheia. Não há respeito ao outro sem respeitarmos nós mesmos. Sem esta premissa, jamais a Gentileza se efetivará.

LUDICIDADE

“Entre suas variadas utilidades, os jogos sempre viabilizaram o aprendizado. Também serviram para transmitir as conquistas da sociedade em diversos campos do conhecimento. Quando os membros mais velhos de um grupo revelam aos jovens como funciona um determinado jogo de tabuleiro, por exemplo, eles transmitem uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural daquele grupo.”

REFLETINDO: Viver é celebrar. A Gentileza nos proporciona o prazer de celebrar o outro e por ele ser celebrado. Brincar, com alegria, é uma das formas mais naturais dessa celebração. Rir e fazer rir, sem apelar para o humor pautado na desvalorização de quem quer que seja, é também uma maneira gentil de se relacionar, de divertir e divertir-se. Portanto, muita brincadeira, muito brilho no olho, muito riso, muito Axé. Manifestar, coletivamente, quase que a todo instante, o desejo e o

amor pela vida, quando o cotidiano nos expõe permanentemente à morte, nos afastando de nossa cultura, de nossas manifestações culturais mais profundas, como as cirandas, de nosso axé. “Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá...”, cirandemos, brinquemos, reverenciemos sempre com alegria e muito brilho nos olhos, muito riso, muita celebração da vida, nossa maior contribuição para a construção da Gentileza.

CONCLUSÃO: Após o que foi descrito e refletido podemos concluir que os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros trazem em si elementos culturais profundos capazes sim de alicerçar o conceito de que seria a Gentileza para muito além das aparências e superficialidades, dotando-a de consistência para estudos ainda mais profundos, que lhe darão conteúdos suficientes para se elaborar o “conjunto organizado de conhecimentos relativos a determinada área do saber, caracterizado por metodologia específica, sistematizados, adquiridos por meio da observação, da identificação, da pesquisa e da explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, e formulados metódica e racionalmente”, que elevarão a Gentileza ao patamar de ciência.

¹ Oswaldo Faustino é jornalista há mais de 40 anos – foi repórter da Agência Folhas e de O Estado de S.Paulo, entre outros, editor de Cultura do Diário Popular, subeditor do caderno Tempo Livre da revista Visão e colaborador da revista Raça Brasil por 20 anos --, bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, ator, contador de histórias, ativista do movimento negro, relator da pré-Conferência “O papel dos Meios de Comunicação e de Entretenimento na luta contra o Racismo”, da Fundação Cultural Palmares (1999) para integrar o documento brasileiro, na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela ONU, em 2001. É autor de 12 livros infantis e juvenis pautados na história e na cultura afro-brasileiras, dois dos quais didáticos, sobre Africanidades, voltados um ao ensino fundamental e o outro ao ensino médio, escritos em parceria com três especialistas nesta área do conhecimento.

Bibliografia apontada pela Dra. Azoilda Loretto da Trindade:

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Cidadania em preto e branco:** discutindo as relações raciais. São Paulo: Ática, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na Educação-**Repensando nossa Escola. São Paulo: Summus, 2001.

- _____. Do silêncio do lar ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto, 2000.
- NEN- NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS. Negros e Currículo. Série Pensamento Negro em Educação. Florianópolis: Editora Atilênde, 2002.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque pedagógico afro-brasileiro**. Belo Horizonte: N'Zinga/Mazza Edições, 2004.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros** – identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **A verdade seduzida**. Por um conceito de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- TRINDADE, Azoilda Loretto e SANTOS, Rafael (org.). **Multiculturalismo** – mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **Racismo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: FGV/IESAE, 1994. Dissertação de Mestrado em Educação sobre Literatura Infantil.